

A PRESENÇA DO BRASIL NA BOLÍVIA: DIÁLOGO POLÍTICO, VÍNCULOS ECONÔMICOS E COOPERAÇÃO HORIZONTAL

Monica Hirst

Professora do Departamento de Economia e Administração da Universidade Nacional de Quilmes (UNQ).

Professora do mestrado de Estudos Internacionais da Universidad Torcuato Di Tella.

Pesquisadora do Programa de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) do Ipea.

O propósito deste texto é aprofundar o estudo do relacionamento Brasil-Bolívia no contexto da ampliação do escopo e da densidade da cooperação Sul-Sul brasileira. O principal argumento a ser elucidado é que a cooperação horizontal do Brasil com a Bolívia deve ser focada no universo amplo e denso de vinculações bilaterais, nas quais se entrecruzam os contextos políticos, os interesses nacionais de cada lado e as práticas de parcerias horizontais.

O principal esforço deste estudo é combinar a compreensão do contexto e das percepções *de um lado e do outro* acerca dos novos tempos da presença do Brasil na América do Sul. O caso da Bolívia, ao mesmo tempo em que revela desafios semelhantes a outras dinâmicas bilaterais, apresenta particularidades em função da densidade do processo de mudança nesse país e dos dramáticos problemas de assimetrias que condicionam o relacionamento entre as duas partes.

Este texto está dividido em cinco seções, além de uma breve introdução. A seção 2 trata do complexo processo de mudança boliviano. A seção 3 expõe os desafios da cooperação internacional no contexto de uma nova realidade. A seção 4 examina o vínculo Brasil-Bolívia no marco de novas parcerias. A seção 5 analisa a presença regional brasileira em questão. A seção 6 reúne um conjunto de conclusões, nas quais se buscou mostrar de que forma a análise da presença do Brasil na Bolívia contribui para identificar os novos e interrogantes desafios acerca da presença regional brasileira.

Uma das conclusões deste texto considera que o Brasil mostrou especial interesse pela consolidação do processo democrático na Bolívia; processo este baseado em novas lideranças e na expressiva inclusão dos setores sociais que historicamente haviam sido marginalizados neste país. Em decorrência, configurou-se uma ampla

e diversificada agenda de cooperação para o desenvolvimento, selada pelos vínculos construídos entre os presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Evo Morales. Observou-se uma aproximação fortemente estimulada pelo fato de que ambos fossem líderes políticos com trajetórias comprometidas com movimentos populares identificados com bandeiras de transformação social. Não obstante, as bases assimétricas e as complexidades dos temas bilaterais colocam sobre a mesa uma realidade que exige um manejo político-diplomático capaz de equilibrar prudência com magnanimidade. As decisões mais recentes por parte da Agência Brasileira de Cooperação (ABC) – de suspensão de diversos projetos de cooperação horizontal nas áreas de formação profissional, proteção florestal e transformação de recursos naturais – vêm comprometendo a segunda parte desta equação. Em grande medida, as carências institucionais e as morosidades burocráticas do lado boliviano terminaram afetando a sustentabilidade do impulso expansivo de parcerias horizontais do lado brasileiro, que cada vez parecem ter ingressado em uma fase parcimoniosa.

Ao lado das espinhosas negociações brasileiras-bolivianas em temas energéticos, ganhou importância a agenda de interconexões fronteiriças – especialmente entre Mato Grosso do Sul e Santa Cruz de la Sierra –, com um incremento das transações comerciais e dos investimentos nas áreas de produção agrícola e industrial.

De fato, para a Bolívia, a centralidade do relacionamento com o Brasil constitui *per se* um fator de poder para os atores governamentais e privados brasileiros. A utilização indevida deste espaço poderá levar o Brasil à prática de um “imperialismo por *default*”. Para alguns setores empresariais brasileiros que operam na Bolívia, a questão da imagem tornou-se uma fonte de preocupação, temendo-se que o Brasil seja identificado como um país *subimperialista*.

Quando se observa o cotidiano do relacionamento bilateral, percebe-se que todos os desencontros tendem a escalar do lado boliviano e a merecer uma atenção menor por parte do Brasil, o que se traduz na combinação de um elevado grau de sensibilidade com uma crescente indiferença política.

SUMÁRIO EXECUTIVO